20011-5T

18-388 cc

17

PORTUGAL E O BRAZIL.

OBSERVAÇÕES POLITICAS

AOS ULTIMOS ACONTECIMENTOS DO BRAZIL.

POR

FRANCISCO D'ALPUIM DE MENEZES.

Concordia disjuncta est, ordinum.
Cicero.

LISBOA,
ANNO 1822.
Rua Formosa N. 42.

RPJCB

PREFACIO.

As terriveis consequencias de uma crise, ameaçadora para os Portuguezes d'ambos os mundos, me instiga como Portuguez, como amigo da patria, a pegar na penna para manifestar meus sentimentos, ao que tenho todo o direito. Não é o espirito de facção, não é o interesse nem a parcialidade quem dirige a minha pena. He o amor da causa geral da Nação, he o medonho precipicio que vejo abrir-se debaixo de nossos passos!

Não é para os homens que só leem por passatempo, e que nada influem sobre nossos destinos, que eu escrevo estas poucas observações.

E' a vós Legisladores Portuguezes, que eu me dirijo; é a vós qne eu conjuro em nome da Patria, desta Patria que vos constituio, confiando de vossas mãos, não só o seu Poder, mas tãobem os seus Destinos, que vigieis por sua salvação, por sua felicidade, e por seus interesses. Reunivos; pensai com madureza e obrai com energia. Legisladores! d'um e d'outro hemisferio, tende uma só vontade, sede justos e coherentes em vossas decisões. Vede que só dellas depende hoje a felicidade ou a desgraça, a gloria ou a deshonra do Orbe Portuguez.

PORTUGAL E O BRASIL.

Portugal.

„Pode Portugal existir sem as Americas? A „ separação destes dous Estados poderá ser para „ ambos elles, fatal, ou indifferente?

Eis aqui a terrivel questão do dia; eis aqui o fatal pomo da discordia, que inflama a uns, e abate a outros. Vejamos agora o que a tranquilla razão nos demonstra.

Desde que Portugal, cançado, e esgotado pelas conquistas, principiou a fundar nellas os seus primeiros estabelecimentos, e a gosar dos ventajosos recursos que ellas lhe fornecião, tanto n'esses dous metaes, primeiros deoses do coração do homem social, como por suas naturaes producções, desde esse tempo, digo, que todas as suas attenções se voltárão para ellas. O seu oiro, começando a afluir abundantemente sobre o Portugal, servio de lisongeira proclamação aos Portuguezes; e com a poderosa atração do iman, nos arrebatou uma tão consideravel porção de habitantes, que bem depressa o agricultor largou a charrua, o negociante o seu commercio, o artista a sua officina, e as Cidades se esvasiárão:

Estes novos Colonos, encantados da seductora prespectiva que estes vastos e ricos paizes offerecião aos seus interesses, esquecerão-se da Mai-patria, e tractarão de se estabalecer. Com effeito, bem depressa apresentárão respestaveis cidades

maritimas, e se estabelecerão em uma atitude tão importante para os seus interesses, como para os de Portugal.

Foi então que o Portugal começou a gosar, extasiado, o bello quadro da sua grandeza, da sua magnificencia, e do seu poder. Na verdade, que nação offerecia então na Europa hum tão bello painel de prosperidade? Que nação deixava de nos invejar, admirada? Nós, é verdade, que haviamos perdido gente, e industria; mas faltou-nos acazo o menor dos recursos da vida? Deixamos por isso de fazer uma importante figura, não só entre as nações Europeas, mas mesmo entre as de mais conhecidas? Não foi então que a Europa nos respeitou mais? Não foi então que a nossa influencia invadio todos os Gabinetes? Mas basta; são verdades estas, tão conhecidas, que escuzado é o repetilas.

Ora, como nós possuiamos, não só o oiro do Brazil, mas tãobem uma grande parte do da Europa, por isso que o Portugal se constituio exclusivamente em armazem geral de todos os generos Americanos que entrarão a afluir no mercado da Europa, não podia-mos sentir de maneira alguma a falta da perdida industria, nem mesmo dar-mo-nos de novo a ella, porque não tinhamos necessidade; tal era a abundancia de oiro, que se ramificava até ás ultimas classes da sociedade; e o homem que não necessita não trabalha; porque a industria é filha primogenita da necessidade.

Com tudo, á força de dissipações tão desnecessarias como escandalosas, de hum luxo sempre progressivo, e de um commercio ruinoso, se foi esgotando pouco, e pouco, não digo bem, aceleradamente esta abundancia do genero primordial, do oiro, ao passo que as suas fontes se esgo-

tavão tão bem. Restou-nos unicamente essas vantagens comerciaes, que os estreitos laços d'uma fraterna união ainda nos afiançava. Porem, estas vantagens, esta união, devião, pela marcha natural das coisas, passar um dia por uma terrivel experiencia.

Se aquelles que então governavão, tivessem estendido suas vistas sobre um futuro que ja se avisinhava, precedido de tantos, e tão sinistros precursores, haverião preparado de ante-mão, uma barreira aos males que elle arrastrava, e meteria fortes escóras ao edificio politico, que principiava a ameaçar ruina.

Porem, nada disto se fez; em nada se conveio senão em desfructar os prazeres da ociosidade, quando já não era tempo nem de prazeres, nem de ociosidade. A Nação gosava ainda os derradeiros momentos do placido somno, a que as suas passadas prosperidades a havião convidado, e ja a fatalidade lhe batia á porta

Em fim, a invazão dos exercitos d'esse homem que morreo ha pouco em Santa Helena, afugenta a Famila Real, e rasga o veo do futuro que nos esperava. Foi então que já sem remedio, se decretou a nossa sorte, e que começárão as nossas dores. A obstinada lucta dos setes annos foi o ópio que nos adormeceu, e que nos eximio á penosa sensação que ellas nos devião causar.

A lucta terminou-se, e as dores apparecerão de novo, mas com muita mais violencia, por isso que nos achamos desfalecidos pelos effeitos do remedio que as havia rebatido. Então todos nos interrogavamos, todos deploravamos a nossa sorte, e só os unicos que á podião minorar, ou adoçar, erão os mesmos que a tornavão mais amarga, e extença! Na verdade, que Nação se vio nunca

em similhante alternativa? Sem dinheiro, sem industria, sem Comercio, sem Rei, com hum Governo efémero, e por cumulo de todos os males, entregue á vergonhosa tutela de uma nação estrangeira!!

O Portugal já não tinha Americas, não, não as tinha; porque o seu Rei havia transplantado para lá a Sede da Monarchia, e os seus Cortesãos havião em seu Nome, proclamado já, por meios, talvez mais que indirectos a desunião dos dous mundos. Tal foi a franca liberdade de comercio concedida ás de mais nações, com incalculavel perjuizo da Mai-patria! E que queria isto dizer? Não era que nós entravamos para com o Brasil na ordem geral das relações Comerciaes das outras nações para com elle? E que manifesta este passo tão antipolitico, como atraiçoado? Que a união acabou, e que ella não existe mais que em um vão fantasma.

Qual era a dolorosa mágoa dos Portuguezes? Não era a de se verem despojados deste unico recurso que sustentava Portugal? Sem duvida. E porque motivo? Porque Portugal está ainda acustumado a viver do Brasil, e não pode no estado actual passar sem elle. Será acazo inutil a plena experiencia que disto temos? Confronte-se o estado de Portugal ate 1808, com o que desde então tem decorrido até hoje, e o resultado nos mostrará que desde aquella época, não temos feito mais que marchar a longos passos para a pobreza, e para a desesperação: sim, para a desesperação, porque ella é o cruel effeito da repentina passagem da grandeza, para a miseria. E haverá ainda quem trate com indiferença a desunião do Portugal com o Brasil?

Tal era o misero estado a que nos viamos re-

dusidos, quando raiou o memoravel dia 24 de Agosto. A placida e magestosa marcha de uma differente Instituição Politica, acontecimento, talvez unico na historia das Nações; a prompta adehesão do Brasil, e a generosa condescendencia do virtuoso Rei, tudo parecia ate agora conjurado em nosso favor, e tudo annunciava, não só que os nossos males hião terminar, mas que um brilhante futuro nos abria as portas da consolação, e da felicidade. Mas baldada esperança: illosorio sonho! Não sucedeu assim. Uma fatal e senistra desconfiança se apodera, quazi geralmente dos corações portuguezes, e com a rapidez da electricidade se comunica ás provincias do Brasil! Que repentina contradicção!!

O Rei, por motivos tão conhecidos, como plausiveis, abandona o Brasil, deixa lá o herdeiro do seu throno, e volta para Portugal. Embora, alucinado espirito de um partido de... clame contra este acertado passo, porque elle desfêz, e anniquilou seus ambiciosos e execrandos projectos; mas o amigo da Patria, o amigo da ordem abençoa o Rei, por saber aproveitar o unico recurso que a dificuldade das circunstancias offerecia; vindo Elle para entre nós animar, com o seu immortal exemplo, a sagrada causa da nossa Independencia, e deixando seu filho no Brasil, como um refem, como o mais caro pinhor da reciproca fraternidade, e união que deve enlaçar os dous povos.

As Cortes, mais inclinadas á pratica do bem geral, e ao necessario extriminio de velhas e abusivas instituições, que a uma mal entendida condescendencia para com ellas, legislárão com afoiteza, e derrubárão uma parte góttica do edeficio que se hia renovar, e que de nada lhe servia. He en-

tão que o espirito da discordia se enfurece, e tomando este primeiro passo que a necessidade prescrevia, pelo signal da disensão, agita os animos, e pertende fazer surgir das suas cinzas o pálido estandarte do despotismo, ou da anarquia. Irrita-se de toda a parte contra as Cortes, que Ellas tudo destruem, e nada crião; pertendendo-se desta maneira fazelas odiosas aos mesmos que as constituirão! Na idea de derrubar este antemural da liberdade de tudo se aproveitão, tudo lhe serve de tema ás suas injustas arguições! Infames Libelistas, em vez de prégarem a concordia, e inspirarem a confiança, tão necessarias nas crises politicas, vomitão venenosas invectivas, e insultão vergonhosamente, tanto ao particular tranquilo no centro da sua habitação, como á corporação acentada no tribunal das Leis, ou no da opinião publica! E que é isto? Não é já o estado das agressões, o da anarquia? E, assim que se consilião os espiritos, para os dirigir pela escrabrosa estrada da Liberdade?! E, assim que os homens hão de amar uma Instituição toda nova? Acreditai-me, infames Libelistas, todos os golpes que a sagrada causa da Liberdade receber, todos os males que sobre nós pezarem, só vós, só vós haveis sido os seus auctores; por que os publicos insultos, que não podem ter uma honrosa desafronta, levão o homem á desesperação, e á desesperação seguem-se males tão terriveis, como incalculaveis.

As Cortes, persuadidas, ou illudidas pelos discursos de alguns dos seus Membros, decretão a sahida do Principe Real do Brazil, e apezar de o chamarem para a Sede do Imperio, dizem que elle deve viajar, por que sua residencia não convem nem n'uma, nem n'outra parte! Esta deliberação voou como facho da discordia a incendiar a

America ! Os seus habitantes, já cançados de sofrerem os malles, que a falta de um Poder Deliberativo, que entre elles rezidisse, lhe não podião mais supportar a triste condição Colonos; e vendo-se depois constituidos em Nação Representante, não era de esperar que elles tolerassem, nem mesmo a idêa, de volverem ao primitivo estado. Como podião pois conformar-se com tal deliberação, quando a partida do Rei para a Europa, dando um profundo golpe em suas bem fundadas esperanças, os sobresaltou, e encheu de receios? Restava-lhe o seu Herdeiro; e apezar de sinistras prevenções, conformarão-se nutrindo-se com a lisongeira esperança de o possuirem.

Neste estado de couzas, como esperavão, pois as Cortes ser obedecidas? Ignoravão Ellas o espirito publico do Brazil? Não estavão perfeitamente informadas dos ulteriores acontecimentos? Desterremos a idea apparente de que só os Cortesãos do Principe Real servem de estorvos á sua partida para a Europa; não são elles, são os Brasileiros, são aquelles mesmos Brasileiros, que já passarão pela miseravel sorte de colonos, governados pela aristocracia militar. E havião então de encarar tranquilos a partida do Principe Real, e logo substituido por bayonetas Europeas, e por funccionarios militares Europeos? Que concluzão devião elles tirar deste procedimento? Que era uma generosa franqueza, que hia com a Constituiçao na mão, convidalos a uma mais doce, e estreita fraternidade, ou uma agressão decisiva sobre seus direitos? Dizeio vós, auctores da Deliberação; dizeio vós, Ministros do Estado, que mais precipitados, ou parciaes em vossas distribuições, que attentos sobre a verdadeira marcha d'importantes negocios, acabaes de ver o resultado de vossas opperações!

Os erros podem ainda reparar-se; ainda é tempo. Vejamos pois os meios que a razão para isso nos aconselha, e abraçando-os, evitemos a perda fatal do Brasil. Ella nos aconselha que digamos aos Brasileiros, não só com palavras, mas com obras: " Brasileiros! O Portugal, despido de preo-
" cupações ambiciosas, e de todo o orgulho Metro-
" politano, não quer dictarvos uma Lei, filha só
" do seu capricho; esses tempos sumirão-se. Ago-
" ra quer de boa fé tractar com vosco, como ho-
" mens livres. Quer que esta Lei geral que deve
" estreitar os nossos vinculos, e fazer a nossa mu-
" tua felicidade, seja feita amigavelmente, entre
" os nossos e vossos Representantes. Acabai pois
" de os enviar; e quando todos reunidos, se preen-
" cherá o honroso claro que vos temos reservado
" na Constituição Lusitana. Nós somos justos; não
" queremos mais que a nossa, e a vossa felicidade!
" Esqueçamos-nos sinceramente do passado, abra-
" cemos-nos com ternura, e corramos os mesmos
" Destinos. Nós seremos Brasileiros, e vós sereis
" Europeos, todos irmãos, e todos uns.

Eis-aqui a conducta que deve ter o Portugal para com seus irmãos do Brasil. Eis-aqui o unico meio de não perder indiscretamente n'um dia o que tanto tempo levou a adquirir, com tantas fadigas, com tantos perigos, e com tantos sacrificios!

Voltemos agora as nossas vistas para

O Brasil.

O Brasil, pela sua vasta extenção, pela fecundidade do seu solio, e pela riqueza de suas producções, é sem duvida um dos paizes mais admiraveis do mundo. Se elle, desde seu principio tivesse estado em poder de mãos habeis, e creado-

ras, que soubessem aproveitar-se das inumeraveis vantagens que offerece; a sua representação na scena das Nações Trans-atlanticas, seria hoje a mais brilhante e respeitavel. Porem o Genio conquistador, sempre attento em abafar todos os germes de civilisação e engrandecimento, entre os povos que uma vez subjugou, fazendo continuados esforços para os atrazar, conseguio, em grande parte, ver realizados os seus projecoos. Mas em fim, os tempos, que não são sempre os mesmos, lhes forão esclarecendo com o archote da verdade, o miseravel quadro da sua situação. A esta penosa vista, elles surgem do lethargo em que se achavão submersos, e começão a conhecer que são Homens!

A parte Setentrional d'America é a primeira que sacudindo o cólo, manifesta a seus Senhores, a sua nobre resolução. Porem, ella não só é desprezada com todo o orgulho de um senhor ábsoluto, mas tractada de rebelde, e como tal perseguida com todo o furor da devastação! Uma lucta obstinada, e tão fatal para os agressores, como para os agressados, termina-se a final com um memorando exemplo para os Europeus que tem irmãos álem dos mares! E será elle hoje Inutil?

O Brasil, devia á sua volta sentir um dia os influxos que o Setentrião lhe soprava. Isto não erão meras conjecturas; era um calculo exacto, que só a ignorancia podia imprever. Com tudo, a presença da Familia Real, pôde diminuir e atrasar os livres sentimentos que principiavão a apoderar-se dos corações Brasileiros. Pernambuco illudido, julgando já sufficientes os necessarios conbustiveis para uma explosão, lançou-lhe o fogo em 1817 porem a explosão falhou, porque os combustiveis já não erão proprios para uma inflamação geral. O Brasil, por

tanto, esquecendo-se de seus passados projectos, já não aspirava a mais que a uma perfeita consolidação da Monarquia Brasilica, quando os acontecimentos de Portugal lhe forão dar um novo impulso. Este impulso, causando a mais saudavel impressão no Brasil, assegurou ao Portugal os mais felices resultados.

Porem, uma marcha irregular, e toda opposta á que o Portugal devêra prosseguir, vai assustar o Brasil, e espalhar a desconfiança pelas suas provincias! Então o Portugal, mais precipitado, que circunspecto, invectiva contra o Brasil, quer tomar ainda o tom de senhor, e esforça-se por lhe soprar o fogo da discordia! Mas ao empolado mar das paixões, vai succedendo a bonança, e a praia da salvação já se descobre nas Cortes. Eia! Naufragantes, constancia! Vamos saltar nella! Mas indaguemos o ponto melhor para a aportarmos.

" Pode o Brasil, actualmente, subsistir se-
" parado do Portugal? Pode manter a sua Inde-
" pendencia?

Quem sustentará esta these politica pela sua afirmativa? Ninguem, certamente. Vejamos, pois se são verdadeiras, e solidas, as difficuldades que se offerecem pela negativa:

O Brasileiro, desprovido de máchinas para o penoso serviço de seus engenhos, estabelecimento primordial do seu paiz, vê-se ainda na dura necessidade de os fazer servir por escravos, sempre inimigos implacaveis de seu senhor. O Brasileiro não podendo sopportar os ardores d'um sol abrazador, entrega a cultura de seus campos a escravos, sempre implacaveis inimigos de seu senhor. O Brasileiro, julgando ainda indecorôso para as suas mãos o mais insignificante trabalho. constituio-se dependente de escravos, sempre inimigos implacaveis

de seu senhor. O Brasileiro, em fim, dentro da sua mesma habitação, só se acha servido, e rodiado por escravos, sempre seus inimigos, e sempre promptos a sublevar-se!

O'ra o numero destes escravos é superior aos Brasileiros, na proporção, pelo menos, d'um para seis. Pergunto, pois, decretada a Independencia absoluta do Brasil, quem será o escravo? O Brasileiro, ou o Africano? Quem receberá a lei, o forte, ou o fraco? A razão, e a experiencia, mostrão bem claramente que será o fraco. (1) Temos por uma consequencia necessaria, que em quanto o Brasil necessitar d'escravos, necessita de uma Potencia Europea, que lhe afiance a obediencia destes escravos. Eis-aqui um dos primeiros, e mais fortes dos obstaculos que se oppoem a uma Independencia absoluta. Vejamos os de mais, se são attendiveis.

O Brasileiro, por um genio natural, tão amante do luxo, como das melhores comodidades da vida, não tendo ainda a necessaria industria para se prover a si mesmo, vem prover-se á Europa. Para equilibrar esta despeza; é necessario tãobem fazer um vantajoso comercio de exportação. Porem, este comercio nunca lhe poderá ser proveitoso, sem ter uma Potencia da Europa que o apoie, e que sirva de deposito geral ás suas mercadorias. D'outra sorte, os seus navios ao passar a linha, serião o espolio d'esfaimados piratas, que não respeitarião mais o seu pavilhão. A'lem disto, quando mesmo estas poderosas causas expendidas não fossem bastantes, vejamos se o são as que se seguem.

---

(1) Eu poderia servir-me do exemplo de S. Domingos; mas não é necessario.

E' inegavel que o principal baluarte da Independencia absoluta do Brasil, deveria ser uma respeitavel marinha, para poder oppôr ás primeiras agressões, que sobre elle tentasse qualquer ambiciosa nação da Europa, o que necessariamente se devia esperar. Ora o Brasil, no estado presente, sem um só navio de guerra para cobrir suas extenças costas, como resistiria ás formidaveis esquadras da Inglaterra, ou da França? Persuadir-se-ia acazo o Brasil, que qualquer destas duas ambiciosas Potencias, se reduzirião ao simples papel de espectadora d'um tal acontecimento? Não sem duvida; porque ambas ellas acabão de sofrer perdas d'igual natureza, e desejarião anciosas encontrar uma indamnisação. O Brasil, por tanto, não se desfraternisaria do Portugal, senão para passar para o jugo de ambiciosos estrangeiros.

Se ainda tudo isto não basta, quem afiançava ao Brasil que esta sonhada Independencia havia de ser unanimemente abraçada por toda a sua vasta extenção? Quem lhe afiançaria que o pavoroso flagelo da anarquia, esta assoladora peste das sociedades, não arvorava o seu negro pavilhão? E que seria então do formoso Brasil? Só o imaginalo faz tremer d'horror!!

Possuido destas importantes verdades, concluo, que o Brasil cheio d'uma escravatura immensa, e tão barbara como desejosa de se revoltar; o Brasil sem um garante poderoso para o seu commercio; o Brasil sem industria, sem fabricas, sem artes; sem uma força militar suffeciente; sem marinha; e sem uma Potencia Europêa, que despida d'ambição, tenha o generoso rasgo de o cobrir com toda a sua influencia, digo, o Brasil não pode ser ainda absolutamente Independente. Elle o conhece melhor do que nós mesmos; elle a nada mais as-

pira que a ser livre, e não escravo, a ser adulto, e não pupilo. Eis-aqui os seus votos, eis-aqui sua nobre ambição. Tudo o mais são invectivas, com que o infame genio da intriga intenta calumnialos. Eia, Brasileiros! não vos illudaes! não vos deixeis sedusir pelas abominaveis vozes de meia dusia de despresiveis atribilarios. Os vossos irmãos de Portugal fazem-vos toda a justiça de que sois dignos, e chamão sobre vós todas as bençãos do Ceo. A familia, não se desunirá por falta d'um reciproco amor; não, não se desunirá. Agora, só resta um passo a dar: que é o da nossa Convenção Familiar; confiai, pois de todo o vosso coração naquelles que a devem organisar; porque ella ha de ser o resultado da meditação da Sabedoria, e da Justiça.

Qual será a base de Legislação em que deve assentar o Poder Administrativo de toda a Familia Lusitana-Brasilica? Sobre este importantissimo ponto, O' Legisladores! é que eu chamo toda a vossa attenção, e toda a vosso sabedoria! Estabelecei, primeiro, principios d'eterna justiça; e com a balança na mão, pesai depois as vossas deliberações! Vede que um pequeno défecit para qualquer dos lados, fará perder o equilibrio, e perdido elle tudo pode perder-se. Não vos precipiteis; estaes em tempo, e tendes tempo; a precipitação é mãi dos êrros. Vede bem, que desta delicada opperação, vão depender os destinos de dous grandes Povos! que se querem unir em um só, apezar da enorme distancia que os separa! Consultai, consultai, não vos invergonheis disso, a oppinião desses melhores Politicos do seculo, que illustrão hoje a Europa, e formai depois o vosso systema. Que o Mundo, então, olhe para vós espantado! Que os vossos Constituintes vos ornem as mages-

tosas frontes! Com eternos louros! E que a posteridade vos adore como divindades Legislativas!

Em quanto esta organisação se não verifica, qual deverá ser a conducta do Portugal para com o Brasil? Não deverá, sem duvida, ser a mesma que tem havido ha mezes a esta parte. Ella tem sido diametralmente opposta á rãzão, e á justiça! Porem, as Cortes, em sua Seção de 23 de Março, deliberárão com sabedoria, e dérão uma manifesta, e brilhante prova, das rectas e sinceras intenções que As anima, para com o Brasil. Agora cumpre tãobem que o Ministerio torne a si, e ao exemplo das Cortes adopte os mesmos principios; despindo-se de todas as fraquezas que o podem tornar odioso, e distribuindo com imparcialidade e justiça, não só os empregos do Brasil, mas tãobem os do Portugal; porque os povos, olhão com mais interesse, e circunspeção para as opperações do Executor, que do Legislador; pois que deste só depende o bem geral, quando d'aquelle depende o particular, que é o que mais nos afecta. A origem das revoluções nunca forão as Leis, mas sim os seus executores. A experiencia o acaba de mostrar entre nos!

E' necessario, pois que o Brasil conheça, que não são os seus cargos o sordido objecto dos nossos interesses. Que esfaimados Europeus, ornados de respeitaveis vestes, não hirão com a voracidade da ave de rapina, nutrir-se das suas entranhas, e arrancar-lhas, por fim, para as trazer para a Europa! Este fatal systema, que tanto tem afligido os povos Americanos, foi quem os separou das suas Metropoles; foi quem os levou á desobediencia, e á rebelião! Se a equidade e a justiça houvessem presidido á conducta dos Governos para com elles, ainda hoje os verião ligados aos

seus interesses; e não haverião sacrificado innutilmente homens, navios e dinheiro, para submeter desesperados, que antes havião de preferir, na ultima extremidade, entranhar-se pelos desertos certões, afrontar a sanha dos animaes ferozes, e todos os horrores da desgraça, que tornarem a submeter o colo a um jugo infernal!

Porem, isto não deve ficar em palavras, e promeças; porque os povos estão tão escandalisados, que já não acreditão n'isso, e só se decidem pelos factos. O Brasil está ainda com os olhos fixos sobre Portugal. Preenchamos, pois as suas esperanças, obrando com franquesa, com justiça e com energia; e não se gaste o precioso tempo em declamações vans, que de nada servem, se não de atrahir ódios, e de dar lugar ás facções para intrigarem, e ganhar terreno.

O Parecer da Comissão Especial sobre os negocios do Brasil, foi justo, e sabio. As Cortes deverão quanto antes pôlo em pratica. Acrescento mais ao Parecer da Comissão: As Cortes, não só devem já mandar suspender, se ainda é tempo, a partida do Principe Real, mas auctorisalo legalmente com o Poder Executivo, dando-lhe o titulo de = Principe Regente do Brasil, = e nomeando-lhe um Concelho d'Estado, composto d'homens respeitaveis na oppinião publica; dos quaes uma a metade, deve infalivelmente ser do Brasil. Esta medida se declarará Provisoria, até ao juramento da Constituição no Brasil.

Se assim se executar, qualquer homem de bom senso, pode afiançar um exito feliz. Se assim se não obrar, a Representação da Junta de S. Paulo, não sendo, porára, nada em si mesma, pode vir a ser muito; pode ter immitadores, e funestissimas consequencias! Torno a reppetir:

Legisladores! De vossas maõs depende ainda a união dos dous povos! Aproveitai o momento: não o deixeis fugir! A vossa reputação, a vossa gloria; a reputação e a gloria dos dous povos, sirvão d'incitar em vossos corações, tudo quanto exige o amor da Patria!

Post Scriptum.

Depois d'este escripto se achar na imprensa, chegarão as desagradaveis noticias de Pernambuco, que todos sabem. Se nos devemos regular pelas expreções e votos da Junta Governativa, Pernambuco não quer separar-se do Portugal; o que não quer é a tropa, nem o Governador, a quem a mesma Junta faz bastante carga. Agora cumpre saber se este accontecimento é o resultado da opinião geral, ou se é unicamente uma facção sediciosa? Se for o resultado da oppinião geral, que Pernambuco declare qual é o papel que pertende representar; se obedecer a Portugal, ou ao Rio de Janeiro? Se a Portugal, deve então submeter-se segamente ás decisões das Cortes, onde tem os seus Representantes, e faça-se responsavel a Junta Governativa por qualquer infracção, pondo-se á sua disposição todos os meios que ella julgar conveniente para manter a ordem, e a segurança publica. Se ao Rio de Janeiro, fica sugeito ao poder do Principe Real, uma vez que este seja nomeado Regente do Brasil, provisoriamente, como assima fica dito; entra então no systema geral do Governo Brasilico, e nós nada temos com elle directamente.

Porem, se é uma facção sediciosa que oppéra, então deixemos-nos de contemplações: caha sobre ella a espada da Justiça com a violencia do

18-388 d d

raio. Mande-se já sobre Pernambuco, e dê-se um exemplo memoravel aos facciosos. D'outra sorte é protegelos, é mostrar fraqueza, é perder a dignidade Nacional, em fim, é abandonar, e sacrificar o digno Povo do Brasil a todo o furor, a toda a devastação das fácções anarquicas.

F I M.

ERRATAS.

A pag. 10 l. 3.ª, onde diz: *que entre elles residisse* = deve acrescentar-se: *lhe havia motivado*. Pag. id. l. 4.ª *Colonos*, lêa-se *de Colonos*. Pag. 12 l. 23 *esta despeza*; lêa-se *esta despeza*,

18

.ó

ior

C822
B862c
cop. 2
v. 2